

ENCARTE DO IX PLANO DIOCESANO DE PASTORAL



PLANO DIOCESANO DE PASTORAL

APRESENTAÇÃO

Chega aos nossos agentes de pastoral e a todo fiel de nossa Diocese de Caratinga o tão esperado encarte do Plano de Pastoral. Não sendo possível nossa Assembleia, achamos por bem revalidar nosso IX PLANO DIOCESANO DE PASTORAL, oferecendo mais este encarte que muito poderá nos ajudar. Este encarte lança pistas para nossa ação pastoral. Estejamos também atentos aos documentos do Magistério da Igreja, os quais impulsionam a missão evangelizadora.

Este encarte não é um novo plano, mas muito irá colaborar com nossa missão evangelizadora. Enfrentamos tempos difíceis, agravados pela pandemia de Covid-19, no entanto, sempre será tempo de evangelizar. Agradecemos a todos que nos ajudaram neste processo do encarte pastoral, de modo especial às foranias de nossa diocese que, com boa vontade, deram grandes contribuições neste pequeno processo. O encarte, fisicamente, é pequeno, mas está repleto de muita ação pastoral. Que todos nós o acolhamos com carinho e o coloquemos em prática em nossas comunidades.

Dom Emanuel Messias de Oliveira
Bispo Diocesano

Pe. Patrício Geraldo Fialho
Coordenador de Pastoral

Gicélia Azevedo
Secretária

1

PILAR DA PALAVRA – ANIMAÇÃO BÍBLICA DA VIDA E DA PASTORAL

Por que fazer?

Somos chamados a desenvolver processos de acordo com nossa realidade local, com acompanhamento contínuo, longa duração e envolvimento de todas as forças vivas, para que a Palavra de Deus se torne a “alma” de toda a nossa ação evangelizadora (cf. Doc. Estudo CNBB 144, n. 251), e assim possamos firmar nossa caminhada de Igreja.

O que fazer?

Iniciar todos os encontros com o texto diário da Palavra de Deus.

Incrementar o Mês da Bíblia com boa formação de acordo com sua realidade.

Trabalhar a formação bíblica permanente em linguagem acessível ao povo e ligada à sua realidade, para que nossas lideranças sejam, de fato, “multiplicadores da Animação Bíblica da Pastoral” (cf. CNBB, Doc 97, n. 69).

“Realmar” os nossos Grupos de Reflexão.

Eles constituem caminho de unidade eclesial, de efetiva Animação Bíblica da Pastoral e fecundam nossas comunidades, grupos e pastorais com a Palavra de Deus. Recomenda-se que os roteiros sejam bem elaborados para ajudar os grupos de reflexão, favorecendo a leitura orante da Palavra de Deus.

- Dinamizar o Domingo da Palavra de Deus, celebrado no 3º Domingo do Tempo Comum, se possível, com o mesmo tema do Dia e do Mês da Bíblia. Que sua celebração esteja também em sintonia com a temática a ser refletida pela Campanha da Fraternidade (cf. Doc. Estudo CNBB 144, n. 256).

Com quem fazer?

“Os interlocutores da Animação Bíblica da Pastoral são sujeitos e não somente destinatários. São todos os membros do Povo de Deus: os leigos, enquanto presença da Palavra de Deus em forma de ‘fermento na massa’; os consagrados, enquanto presença da Palavra de Deus na vivência dos conselhos evangélicos; os ministros ordenados, enquanto presença da Palavra de Deus no exercício do tríptico múnus de ensinar, santificar e liderar” (CNBB, Doc. 97, n. 68) (Doc. Estudo CNBB 144, n. 119).



Neste sentido, recomendamos: Articular uma equipe de Animação Bíblica diocesana para estimular pastoralmente a crescente integração entre a Escritura Sagrada e a vida. Essa equipe deverá ser articulada e trabalhar na perspectiva da sinodalidade, promovendo as missões nas comunidades eclesiais.

Recuperar a figura do coordenador dos Grupos de Reflexão a nível comunitário, paroquial, forânico e diocesano, com efetiva participação nos respectivos Conselhos.

Recuperar a figura do plenarista, que deve se preparar bem para conduzir os plenários com firmeza e segurança.

Incentivar a contínua formação bíblica dos ministros da Palavra, dos ministros da Eucaristia e dos ministros da Catequese, uma vez que a maioria de nossas Comunidades Eclesiais se alimenta, quase exclusivamente, com a Palavra de Deus (cf. Doc. Estudo CNBB 144, n. 153).

Como fazer?

Articular melhor a presença e ação evangelizadora da Igreja nas redes sociais, nos meios de comunicação, destacando-se as editoras, as rádios e canais de televisão de inspiração católica. É urgente que se produzam programas, lives e outros modos de orientação para a Animação Bíblica, com testemunhos, indicação de materiais acessíveis e guias para a leitura orante (Doc. Estudo CNBB 144, n. 266).

Valorizar as homilias e a reflexão da Palavra de Deus nas missas e celebrações.

Envolver os jovens e dar-lhes formação, pois eles têm “um mundo” a abrir para a Igreja, tornando-se para ela servidores da Palavra em um espaço imenso de anúncio (Doc. Estudo CNBB 144, n. 137).

Difundir a Palavra de Deus nos meios digitais, inserindo as juventudes, e valorizar os trabalhos da PASCOP. Não é possível evangelizar sem sites, plataformas, aplicativos, spots, prints, lives...

Quando fazer?

Todo dia e toda hora é dia e hora de evangelizar. A animação bíblica envolve atitudes e atividades pessoais, familiares, comunitárias, seto-



riais, paroquiais, forâneas e diocesanas. Sejamos dóceis à ação do Espírito e nos coloquemos a serviço da animação bíblica de forma constante e continuada, sempre em atitude de “saída missionária” para as periferias pastorais e existenciais.

O que avaliar?

As avaliações deverão acontecer em cada nível das atividades: nível comunitário, de setor, paroquial, de forânea e diocesano, em reuniões próprias marcadas com essa finalidade. Avaliações semestrais para rever os passos dados e reorientar a caminhada. Não sendo possíveis reuniões e encontros presenciais, usem-se os meios virtuais disponíveis.

2

PILAR DO PÃO – LITURGIA E ESPIRITUALIDADE

Por que fazer?

O pão é expressão do amor fraterno e da comunhão que se desdobra de modo especial na celebração da Eucaristia. A comunidade que se reúne para celebrar a Eucaristia deve fomentar vínculos fraternais entre seus participantes, de modo que se partilhem também as dificuldades do cotidiano e assumam o compromisso com o Reino de Deus.

O que fazer?

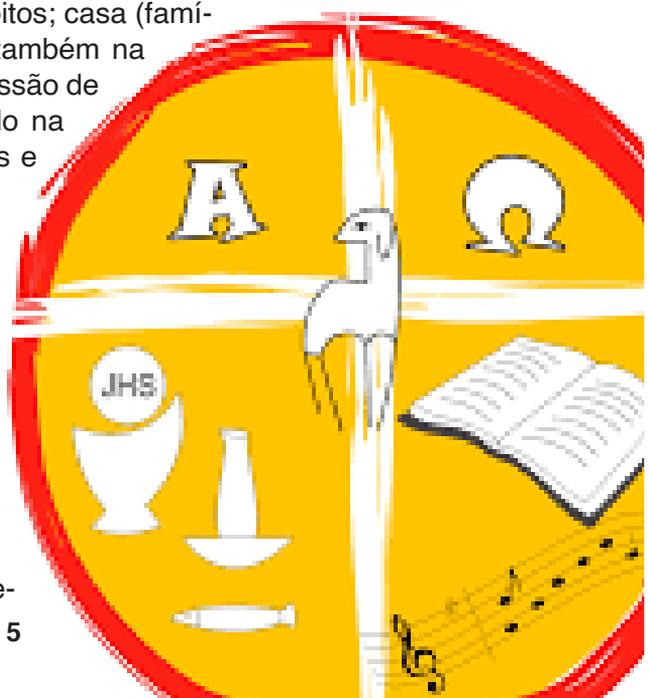
Resgatar a centralidade do domingo por meio da participação da Santa Missa e da Celebração da Palavra.

Valorizar a piedade popular; Valorizar o canto litúrgico; Respeitar o ano litúrgico; Zelar pela qualidade da homilia.

Fomentar a oração em todos os âmbitos; casa (família), comunidade e Igreja, vivenciada também na prática, em ação com o outro, com a missão de testemunhar aquilo que nos é revelado na Palavra, a exemplo da vida dos Santos e Santas de nossa Igreja.

Com quem fazer?

Os ministros ordenados são os primeiros responsáveis pela boa “saúde espiritual” de uma diocese, paróquia e comunidade. Eles são os primeiros que devem dar o norte para a caminhada pastoral. Não se trata de clericalismo, mas de envolver todas as forças disponíveis neste processo, bem como os religiosos e as religiosas, os se-



minaristas, os leigos e todo o povo de Deus.

Como fazer?

Formação humana/cristã/teológica para todos os agentes da pastoral, mais a formação específica para Ministros extraordinários da Sagrada Eucaristia, Ministros da Palavra, grupos de cântico, formação litúrgica para os leitores, catequese decididamente de inspiração catecumenal, não deixar sem a devida formação os dirigentes dos grupos de reflexão, bem como dar formação para todos aqueles que assumam uma ação evangelizadora na Igreja, para que saiamos da pastoral de mera conservação para uma pastoral de transformação, onde novos membros sempre se ingressarão na vida da comunidade (veja os documentos do magistério da Igreja). Onde se reclama da falta de material humano que assumam os trabalhos da comunidade é porque a comunidade não tem feito o seu papel de evangelizar.

Quando fazer?

É missão de todo dia. Necessário dar a devida formação a todo cristão batizado.

O que Avaliar?

A entrada de novos membros nas pastorais. O acréscimo espiritual e a vivência do Ano Litúrgico. A formação litúrgica da comunidade. Adesão às propostas que foram apresentadas.

3

PILAR DA CARIDADE – SERVIÇO À VIDA PLENA

Por que fazer?

Temos amor puro quando, de coração, expressamos preocupação e solidariedade genuínas por todos os nossos irmãos. “Somente um olhar interessado pelo destino do mundo e do ser humano permitirá experimentar a dor pela situação que rege a história... somente contemplando o mundo com os olhos de Deus é possível perceber e acolher o grito que emerge das várias faces da pobreza e da agonia da criação” (LS, n.53). O Papa Francisco conclama para que haja uma verdadeira vivência da fraternidade universal e aberta, que possibilite a reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas, uma vez que somos todos irmãos e irmãs (cf. FT n.1). Neste sentido, surge a autêntica existência humana, já que a vida subsiste onde há vínculo, comunhão, fraternidade (cf. FT n. 87).

O que fazer?

Como cristãos seguidores de Jesus, que constituiu uma comunidade de seguidores, não devemos nos fechar em “bolhas” tentando nos proteger, mas nos lançar como “povo” para transformar essa realidade. Não podemos e não devemos ficar de longe. Precisamos nos aproximar, envolver e responder de maneira prática e imediata. Mobilizar os Movimentos e Pastorais Sociais para o socorro imediato aos necessitados, em conjunto com a Assistência Social.

Integrar os Movimentos e Pastorais Sociais com os Movimentos Populares (MST, Sem Teto, Agricultura Familiar, Economia Solidária, Movimentos de Resistências às Mineradoras; SSVP; Implantação da Caritas Diocesana) e Assistência Social para o socorro imediato aos necessitados.

Com quem fazer?

Com toda a liderança da Igreja, sobretudo os leigos, superando todo tipo de miséria presente em nossa sociedade.

Como fazer?

Formação para as Pastorais e movimentos sobre a importância das Políticas Públicas para a prática da Caridade.

Empenhar-se para o conhecimento da Doutrina Social da Igreja.

Priorizar a família como Igreja Doméstica, primeira responsável pela formação catequética e dos valores humanos, fomentando a Pastoral Familiar.

Organizar a comunidade em pequenos grupos, para análise da realidade atual: economia, mundo do trabalho, educação, violência doméstica, e encontrar meios para intervenção.

Promover uma acolhida afetiva, flexibilizando horários que atendam melhor às necessidades dos fiéis, inclusive nos escritórios paroquiais.

Quando fazer?

Em tempos de grandes adversidades, sofrimentos e angústias, devemos revigorar a certeza de que somos o “Povo de Deus” e não uma massa fragilizada e dividida. A calamidade da pandemia revelou nossa vulnerabilidade. Expôs as falsas e supérfluas seguranças em que havíamos nos organizado. É preciso recuperar nossa memória, nossa capacidade de agir, nossa esperança e nossa pertença a esse Povo.

O Papa Francisco conclama para que haja uma verdadeira vi-

vência da fraternidade universal e aberta, que possibilite a reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas, uma vez que somos todos irmãos e irmãs (cf. FT n.1). Neste sentido, surge a autêntica existência humana, já que a vida subsiste onde há vínculo, comunhão, fraternidade (cf. FT n. 87).

Enquanto o plano estiver em vigor, encontrar estratégias para colocar em prática as propostas a nível diocesano, de Forania e Paróquias.

O que avaliar?

Avaliar se houve uma redução nas situações de pobreza (material, espiritual e intelectual).

4

PILAR DA AÇÃO MISSIONÁRIA: ESTADO PERMANENTE DE MISSÃO

Por que fazer?

A Missão da Igreja é evangelizar. Como discípulos missionários, somos chamados a formar Comunidades Eclesiais Missionárias, cuidar da Casa comum e testemunhar o Reino de Deus. O cuidado com a “Casa Comum” está estreitamente ligado com a “evangélica opção preferencial pelos pobres”. Na *“Laudato si”*, Papa Francisco fala de “Ecologia Integral”, para se referir ao compromisso de se trabalhar pelo futuro do planeta e dos povos, principalmente dos pobres.

O que fazer?

Revitalizar as Comunidades Eclesiais, na proposta de Igreja nas casas. A casa é apresentada como um lugar de entrar e sair. Entrar para o convívio, para o descanso, para se alimentar; sair para continuar a missão, pois, a missão acontece no mundo.

Na construção desta casa (comunidade), as Novas Diretrizes nos indicam quatro pilares, que serão a base da Comunidade Eclesial Missionária, o que lhe dará sustentação:

Investir em comunidades que se auto compreendam como missionárias, em estado permanente de missão, indo além de uma pastoral de manutenção e se abrindo a uma autêntica conversão pastoral.

Acompanhar de perto a realidade urbana com a criação de pastorais de condomínios que percebam os ritmos de vida das cidades, suas tendências e alterações.

Desenvolver os projetos de visitas missionárias a áreas e ambientes mais distanciados da vida da Igreja.

Dinamizar ainda mais as ações *ad gentes* com o intercâmbio além-fronteiras.

Formar acompanhadores de jovens, promover missões juvenis, em vista da renovação de experiências de fé e de projetos vocacionais; e abrir

A ALEGRIA DO EVANGELHO PARA UMA IGREJA EM SAÍDA



espaços para que os jovens criem novas formas de missão, por exemplo, nas redes sociais.

Investir na presença nos meios de comunicação social, especialmente nas redes sociais.

Valorizar como espaços missionários os hospitais, as escolas e as universidades; de forma urgente, o mundo da cultura e das ciências, os presídios e outros lugares de detenção.

Priorizar a pessoa como objetivo da ação missionária. A Cultura do Encontro deve ser o pano de fundo para a missão permanente.

Com quem fazer?

O Documento de Aparecida nos remete à necessidade em preparar missionários para anunciar Jesus Cristo, mais do que administradores da instituição. Missionários leigos e leigas, na Igreja e no mundo e nos vários ambientes. Missionários seminaristas, que formem um coração de pastor, para que depois possam viver como presbíteros, tendo como primeira missão o anúncio da Palavra e, posteriormente, as demais missões. A formação de pequenas comunidades, com pessoas próximas umas das outras, é um espaço de maior simplicidade da vivência da fé, que depois encontra seu elo de comunhão na realidade paroquial.

O missionário comunica por suas palavras e, sobretudo, pelos seus gestos de acolhida e proximidade.

Implantar e aperfeiçoar os Conselhos Missionários, em todos os níveis (paróquia, diocese), deve ser uma meta de toda a Igreja.

Promover as Pontifícias Obras Missionárias (COMIDE, COMISE, IAM).

Acolher e concretizar as prioridades e projetos do Programa Missionário: formação, animação missionária, missão ad gentes e compromisso social e profético.

Olhar a Amazônia como um dom de Deus e, por isso mesmo, como uma responsabilidade para todos os brasileiros, na certeza de que somos todos corresponsáveis (Pastoral da Ecologia, Pastorais Sociais).

Valorizar a dimensão mariana e outras formas de piedade popular, na evangelização e missionariedade da Igreja. (Apostolado da Oração, Terço dos Homens, Terço das Mulheres itinerantes).

Como fazer?

Façamos memória de Santa Teresa de Lisieux, a Santa Padroeira das Missões. Santa Teresinha nunca saiu de Lisieux para realizar grandes obras missionárias, mas, mesmo assim, no recolhimento de sua Ordem, ela nunca deixou de realizar ações e orações em prol dos missionários do mundo inteiro. As limitações impostas pelo espaço físico não devem sobrepujar a ação missionária.

Escrever textos e reflexões sobre Deus, a fé e a Igreja e os disponibilizarmos na internet. Podemos também ligar para os familiares, amigos e conhecidos e lhes oferecer, em todos os dias, uma palavra de otimismo, de esperança e de fortaleza (grupos de WhatsApp, através das diferentes redes sociais).

Ao cuidar de tudo aquilo que parece pequeno ou sem importância, nós estaremos edificando a Igreja em sua permanente obra missionária, sobretudo a partir de uma realidade pós-pandêmica.

Realizar pequenos gestos e atitudes em nossas Comunidades Eclesiais Missionárias.

Viver este período de tempestade com confiança no Pai Nosso que cuida de todos nós.

Intensificar a oração pessoal, o jejum e a esmola, a fim de que possamos caminhar na luz do amor de Deus.

Testemunhar que “a Igreja é um único grande movimento animado pelo Espírito Santo, um rio que atravessa a história para a irrigar com a graça de Deus e torná-la fecunda de vida, de bondade, de beleza, de justiça e de paz” (*João Paulo II. Mensagem ao Congresso mundial dos movimentos eclesiais*).

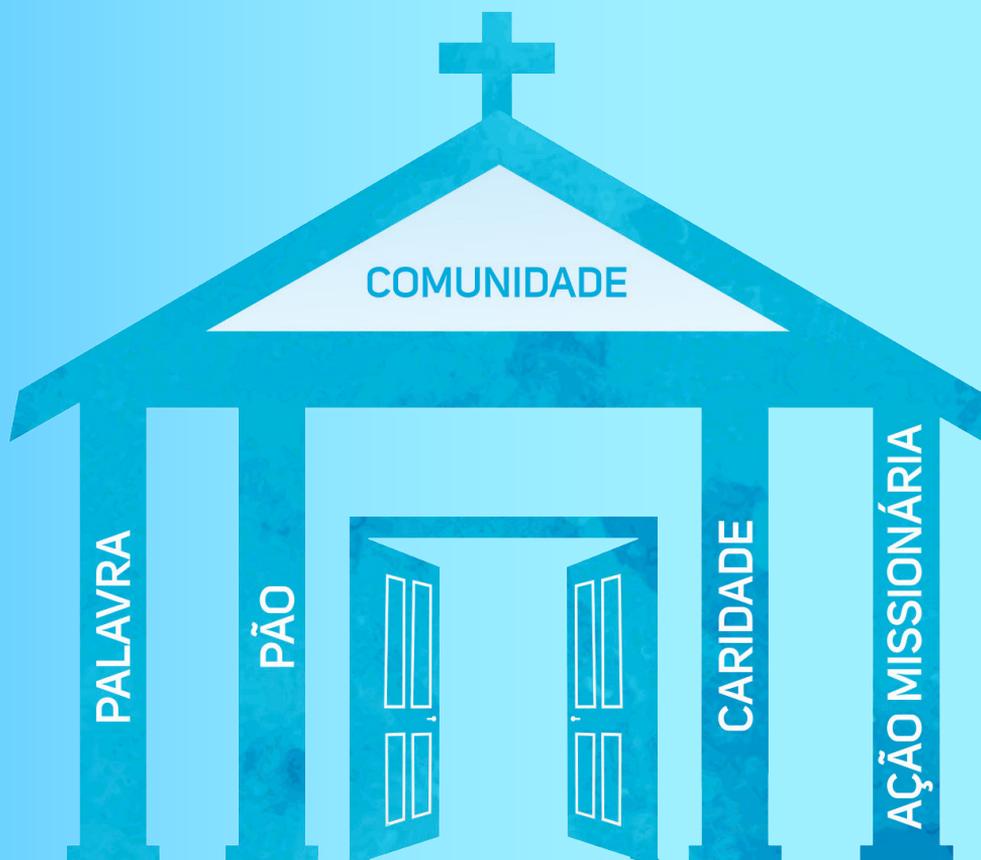
Quando fazer?

O grande anúncio deve ser sempre Jesus Cristo e seu evangelho

do Reino. Esse anúncio precisa ser explícito. Não se pode supor que as pessoas já tenham sido evangelizadas. Até porque o anúncio fundamental de nossa fé pede que seja continuamente repetido e aprofundado. Já nos recordava o Papa Bento XVI que “sucede não poucas vezes que os cristãos sintam maior preocupação com as consequências sociais, culturais e políticas da fé do que com a própria fé, considerando esta como um pressuposto óbvio da sua vida diária. Ora tal pressuposto não só deixou de existir, mas frequentemente acaba até negado” (PF, n.2). Mas, também, passa por gestos bem humanos de acolhida, consolo, proximidade e diálogo. Sempre a evangelização se dá com nossa humanidade.

O que avaliar?

Ao elevar o nível de alegria do anúncio do Evangelho, teremos comunidades mais vivas, com uma fé madura. Teremos, também, jovens conscientes dos valores, vocações ao sacerdócio, à vida consagrada e à vida matrimonial. Temos certeza de que o caminho é a missionariedade. Apoiemos nosso caminho de uma missão permanente em cada comunidade da Diocese.





DIOCESE DE CARATINGA